

Música caipira com *Viola Quebrada*

Em 11 anos de história, com inúmeros shows, grupo paranaense gravou cinco CDs e produziu trilha que conta vida da dupla *Belarmino & Gabriela*

Por *Graciela Mezzon*¹

Uma música que é tocada com instrumentos acústicos, sem artificios, como se o músico estivesse na roça, embaixo de um pé de jabuticaba. Esse é o espírito do grupo curitibano *Viola Quebrada*, que está com 11 anos de estrada e trabalha exclusivamente com música caipira.

Músicos experientes, com décadas de carreira, o *Viola Quebrada* surgiu do gosto pela música de raiz. Oswaldo Rios e Rogério Gulin integravam (e ainda integram), junto com Daniel Vicenti, o grupo *Três de Paus*. “Fazíamos um outro trabalho com música caipira de humor. Nos apresentávamos caracterizados, com dente faltando, chapéu de palha. Mas, toda aquela indumentária nos limitava só ao humor, e sempre tínhamos vontade de fazer um repertório mais abrangente”, conta Rios.

Foi numa viagem que Oswaldo Rios e Rogério Gulin levantaram a possibilidade de criar um novo grupo que agregasse o estilo caipira em todas as suas facetas, não restringindo apenas ao humor. Da conversa inicial até a efetiva formação do (novo) grupo foram três anos. Mas, no final de 1997, começaram os ensaios. A primeira apresentação aconteceu no dia 25 de abril de 1998. E o mais interessante é que não foi simplesmente um show. Como já eram músicos conhecidos e com trabalho reconhecido, a estréia do *Viola* foi no programa ‘*Viola, Minha Viola*’, de Inezita Barroso, exibido na TV Cultura (SP), com transmissão pela rede nacional da emissora.

A explicação para um começo midiático é simples. O *Três de Paus* já havia participado do ‘*Viola, Minha Viola*’ algumas vezes. Quando revelaram o interesse em fazer um novo trabalho, logo foram convidados para apresentar a novidade. “Gravamos uma fita e mandamos. Eles gostaram e já nos deram uma data para gravar”, lembra Oswaldo Rios.

Trajatória, mundo do disco e produção para cinema

Como trabalhavam juntos desde 1992, com o *Três de Paus*, não teve segredo para Oswaldo Rios e Rogério Gulin tocarem juntos. O desafio era encontrar alguém para cantar junto.

¹Jornalista graduada, responsável pela coluna 'Persona', do Jornal da Manhã, de Ponta Grossa/PR. E-mail persona@jmnews.com.br

“A primeira pessoa que convidamos para cantar demorou um ano para nos responder. E para dizer que não aceitaria”, conta.

Foi quando os músicos partiram para os próximos convites. Nesse momento, Margareth Makiolke, natural de Londrina e que já conhecia a esposa de Oswaldo, estava vindo morar em Curitiba. “Quando a Margareth chegou, sentimos que havia uma afinidade”, lembra Rios. Pouco tempo depois, entrou Rubens Pires, com a sanfona.

Essa ‘afinidade’, que começou com o gosto pela música, hoje já dura mais de 10 anos e tem cinco CDs gravados. Para completar, o grupo conta com dois convidados: o percussionista Marcão Saldanha e o baixista Vanderlei Lima, que estão desde 2003 com o *Viola*.

O grupo (*Viola Quebrada*) foi formado em 1997 e entrou no mundo do disco em 2000, ao lançar o CD que leva o nome do grupo e que foi gravado durante o ano de 1999. Naquela estréia trazia as participações especiais de Pena Branca e Xavantinho, do violeiro Roberto Corrêa e do grupo *Terra Sonora*, de Curitiba. Eles aproveitaram o fandango paranaense e a curraleira, uma dança de Goiás que se acreditava extinta, mas foi registrada e recuperada pelo violeiro e pesquisador Roberto Corrêa e, pela primeira vez, apresentada em CD.

Em 2002, o Viola lança o álbum duplo ‘Viola Fandangueira’, só de fandango paranaense, gravado com a Família Pereira, de Guaraqueçaba (litoral norte do Estado). No trabalho ‘Sertaneja’, de 2003, Zeca Baleiro foi convidado para uma participação especial em um fandango de Paranaguá, ‘Balão que Cai’. E, além da música que dá nome ao disco, ainda estavam presentes outras preciosidades, como ‘Nhá Carola’ gravada em 1956 por Mazaroppi e Lolita Rodriguez, ‘Cabelo Loiro’, ‘Cabocla Tereza’ e ‘Boneca Cobiçada’ também de 1956.

Em 2006 o grupo lança o CD ‘Noites do Sertão’, com obras de compositores da ‘MPB’ como Paulo Leminski, Tom Jobim, Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Milton Nascimento, Zeca Baleiro e Chico César. A cantora Alaíde Costa participa do CD cantando ‘Estrada do Sertão’.

Viola Quebrada fez ainda a trilha sonora do filme ‘Belarmino & Gabriela’, dirigido por Geraldo Pioli, que conta a trajetória de uma das duplas musicais caipiras mais conhecidas do Sul do Brasil, entre os anos 1950 e meados dos 70.

Se a obra de Salvador Graciano e Julia Alves, ou melhor, ‘Nhô Belarmino e Nhá Gabriela’, não existem sem se tratar de música, no filme que traz essa dupla novamente à vida

não poderia ser diferente. Além dos filhos e familiares, que apresentaram a obra do casal caipira mais conhecido do Paraná entre os anos 1950, 60, 70, o grupo *Viola Quebrada* tem papel fundamental para ilustrar essa passagem da história.

“Participamos do filme como um grupo que interpreta canções deles. O filme é como um documentário com pessoas falando sobre eles, e no final foi montado um show num circo com a família tocando e alguns convidados. E o *Viola Quebrada* era um dos convidados. Acabou que participamos de umas cinco canções”, lembra Oswaldo Rios. A idéia era tentar reproduzir, junto com objetos, figurinos, instrumentos musicais e pessoas próximas de *Belarmino & Gabriela*, a atmosfera do grupo. E quem viu garante que deu certo.

Entre as músicas apresentadas no filme pelo *Viola Quebrada* estão ‘Linda Serrana’ (a primeira música composta por Belarmino), ‘As Mocinhas do Sertão’, ‘Pagode do Bate-Bate’ e ‘As Mocinhas da Cidade’, juntamente com outros convidados do filme.

Trajetória 'caipira'... que vai do erudito ao rock

Integrantes do grupo *Viola Quebrada* têm as mais variadas formações musicais

Do erudito ao rock, passando pelo jazz e MPB. Não foi a diferença e a variedade de formações musicais que impediu que a música caipira brasileira prevalecesse. Pelo contrário, o gosto pelo estilo da verdadeira música nativa que estava adormecido os reuniu e tornou as linhas que separam cada gênero mais tênues.

Se a música caipira é um estilo (ou gênero) que permite uma viagem à roça e à vida rústica, foi esse mundo que um dos idealizadores do grupo, Oswaldo Rios, viveu. “Meu pai era apaixonado por 'Tião Carreiro e Pardinho'. Ele tinha todos os discos. E quando eu era criança, tive a oportunidade de ouvir esse tipo de música ao vivo, embaixo dos pés de jaboticaba. E não só ao vivo, mas ouvia em casa também, pois fazia parte da minha realidade”, conta.

Como cresceu ouvindo esse estilo musical, quando cresceu e se tornou músico, embora tenha ingressado em outras searas musicais, não perdeu o gosto pela música raiz. “Cresci ouvindo

isso, e não se perdeu depois que cheguei em Curitiba. Começamos a trabalhar com música, com trabalho de humor, até que desembocou nisso”, lembra Oswaldo, que é natural de Planaltina, a 100 quilômetros de Paranavaí, Noroeste do Estado (PR).

Rogério Gulin tem uma trajetória um pouco diferente. Músico há 30 anos, ele sempre trabalhou com viola caipira, mas já teve grupos de rock, instrumentais, já fez música para teatro, dá aulas e, pela proximidade com o instrumento, ingressou no universo da música caipira. “Foi paixão, por conhecer instrumento com dez cordas, que tem uma afinação diferente, outras técnicas, outras afinações”, destaca Rogério, que toca três violas com três afinações diferentes.

O gosto e o talento para os cinco pares de cordas renderam para Gulin alguns prêmios de grande importância. Exemplo é o segundo lugar no Prêmio Syngenta de Música Instrumental de Viola, em 2005. Gulin também entrou no Rumos Itaú Cultural de 2000 e 2008, onde foram selecionados 75 entre 2,2 mil inscritos. No ano 2000, integraram dez artistas do Paraná e Santa Catarina, enquanto em 2008 o prêmio foi nacional. Nesta edição, do Paraná, só entraram Gulin e o *Grupo Fato*.

O ingresso de Margareth Makiolke no *Viola Quebrada* foi outra oportuna coincidência. “Sou de Londrina, minha origem é caipira. Meus familiares moraram na fazenda, na área rural e a música é uma coisa de família. Vivi essa música dentro de casa”, conta. Mas, além do gosto e da afinidade com a música, ela também se dedicou a estudar música. Margareth estudou piano, violão, fez faculdade de música e pós-graduação em música popular brasileira. A opção pela música foi incondicional. “Já trabalhei com outras coisas também, mas o que me dá mais prazer é a música. Então, me dedico mais à música”, brinca.

A receita da vida de Rubens Pires, o sanfoneiro do grupo, não foi muito diferente. Quer dizer... Os ingredientes não foram os mesmos, mas o resultado, que é o prazer em trabalhar com

música, é semelhante. “Com 5 anos eu já tocava acordeon. Praticamente já nasci com um acordeon na mão”, brinca. Rubens se aproximou da música como músico na Igreja, tocando música sacra. Na faculdade, teve contato com MPB e, posteriormente, veio a música caipira, com o *Viola Quebrada*. Quando questionado se já havia tido contato ou gostava de música caipira, o músico é taxativo: “todo mundo gosta, é que nem feijão com arroz. Faz parte da alma brasileira”.

Viola Quebrada mostra-se, assim, como uma oportuna (re)edição de uma música popular que não perdeu as marcas da sensibilidade, traços da cultura rural na era urbana e uma contagiante simplicidade no modo de fazer e apresentar sua produção musical. Vale conferir!

Serviço:

Grupo Viola Quebrada
www.violaquebrada.com.br

Um CD?

“*Viola Quebrada – Noites do sertão*”.

Produzido e lançado com apoio da Lei de Incentivo à Cultura de Curitiba (PR) e Banco do Brasil. Gravado no Estúdio Solo (Curitiba/PR), em março e abril de 2005.

Ouçá algumas músicas em <http://www.violaquebrada.com.br/site.html>



Foto: Julio Covello